

Renato Rezende Fonseca

O HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL:

O olhar de quem atuou na Educação Infantil

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

2019

Renato Rezende Fonseca

O HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL:

O olhar de quem atuou na Educação Infantil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à disciplina Seminário de Orientação de TCC 2 como parte da aprovação parcial do curso de Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.

Orientador: Pro. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

2019

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso intitulado "O homem na educação infantil: o olhar de quem atuou na educação infantil", buscou investigar o processo de feminilização do magistério, as relações de gênero entre professor homem e educação infantil nas esferas de relacionamento entre professor-aluno, direção, pedagogas e pais de alunos, as relações de preconceito com a figura masculina dentro da escola infantil, quais os medos e receios a comunidade escolar possui acerca do contato do professor homem com as crianças pequenas e de qual forma os pares e gestores se comportam perante a presença do homem na educação infantil.

Foi abordado também, o machismo institucionalizado e as vantagens socialmente conferidas ao professor do sexo masculino no ambiente educacional.

À luz do referencial teórico que aborda o assunto associado às relações de gênero, em conjunto com a entrevista cedida pelo professor Antônio Souza¹ atual professor no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Minas Gerais em que abordava seus tempos de docência no campo da educação infantil, neste movimento uma das principais constatações realizadas neste trabalho de conclusão de curso é que na educação infantil existem inúmeras relações de disputa de poder e conflitos de gênero.

Palavras-chave: Professor homem. Educação infantil. Gênero. Preconceito. Docência.

¹ Nome entrevistado substituído por nome fictício.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	5
1.1	Objetivos Gerais.....	5
1.2	Surgimento da questão a ser abordada.....	5
1.3	Reflexão da questão.....	6
1.4	Escolha do sujeito da pesquisa.....	7
1.5	Objetivos específicos.....	8
2.	METODOLOGIA.....	9
3.	FEMINILIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO.....	10
4.	O SUJEITO DA PESQUISA.....	11
4.1	Currículo Docente.....	11
4.2.	Metodologia e práticas na educação infantil.....	12
5.	O HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	14
6.	PRECONCEITOS.....	16
6.1.	Vigilância no ambiente escolar.....	16
6.2	Limitações impostas aos professores do sexo masculino.....	17
6.3	Receios do masculino em contato com crianças pequenas.....	18
7.	O OUTRO LADO DA MOEDA.....	20
8.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
	REFERÊNCIAS.....	24

1. INTRODUÇÃO

1.1 Objetivos Gerais

Em 1988, a partir da aprovação da LDB/96, a educação de crianças pequenas, de 0 a 6 anos passa a ser obrigação do estado, dessa forma, diversas creches e pré-escolas são criadas com a finalidade de atender este público. Este trabalho de conclusão de curso irá abordar algumas questões relevantes para o entendimento do campo de conhecimento da educação, mais precisamente, a relação entre Educação Infantil e o Professor homem neste ambiente em específico, “A partir de 2003, com a abertura de concursos públicos para provimento dos cargos para a Educação Infantil na Prefeitura de Belo Horizonte, é que começamos a perceber uma pequena inserção de homens nesse campo educacional” (FERREIRA, 2017, P. 14). Em 2009, de 1837 professores que atuavam na educação infantil em Belo Horizonte, haviam apenas 14 homens.

Um importante primeiro passo a ser dado para entendermos esta relação do homem com a escola infantil é pesquisar o histórico de feminilização do magistério no Brasil, as relações de cuidado e ensino que são estabelecidas entre professores e alunos, e também as relações entre professores e sociedade como um todo, utilizando de um eixo teórico sobre os estudos de gênero e sexualidade, e de que maneira esses estudos observam as experiências sociais das masculinidades.

1.2 Surgimento da questão a ser abordada

A questão do homem na escola infantil passou a me sensibilizar a partir do momento em que descobri que seria pai, nesta dada fase de minha vida, estava ingressando no primeiro período do curso de Educação Física Licenciatura na Universidade Federal de Minas Gerais, participando da disciplina de Jogos Brinquedos e Brincadeiras, ministrada pelo Professor José

Alfredo Oliveira Debortoli, que na atualidade está orientando este trabalho de conclusão de curso. Foi a primeira vez que a educação infantil chegou a mim e foi observada a partir de um olhar criterioso, pois afinal de contas, seria um ambiente que eu iria passar a frequentar após o nascimento de minha filha. Ao longo do curso, tive a oportunidade de me inserir na Educação Infantil em mais três disciplinas, além do estágio obrigatório ao qual também foi realizado neste contexto educacional.

Durante meu contato com as Unidades Municipais de Educação Infantil, que passaram a ser Escolas Municipais de Educação Infantil sempre havia um denominador comum, não haviam homens regentes de turma em nenhuma das escolas em que fui, nem sequer um único professor dentro de sala de aula. Quando havia algum homem com alguma relação de trabalho com essas escolas, era de serviços gerais, porteiro, segurança, ou alguma outra atividade a qual esse indivíduo não tinha o menor contato com as crianças, e muitas vezes, nem dentro da escola se encontrava. Por esse motivo vem a pergunta: Quais as relações que o professor homem estabelece com a educação infantil?

1.3 Reflexões da questão

A partir do momento em que decidi pesquisar mais a fundo a respeito do papel do homem dentro da escola, fiz um levantamento bibliográfico a buscando a relação do homem com o magistério em sí. Através das pesquisas ficou claro um processo de feminilização deste meio de trabalho, que é mais explicitado nos primeiros anos das crianças, pois os cuidados com os corpos infantis estão relacionados com o cuidado materno. Para Sayão (2005), os cuidados e a relação da educação infantil no Brasil estão diretamente ligado a um ótica de maternagem, desqualificando o homem para a função, entretanto, fazendo um contraponto, as Escolas de Educação infantil são locais não apenas de cuidado, mas também de ensino e aprendizagem.

Em número significativamente menor é relatado a presença de professores que frequentam o ambiente infantil. Mas porque é uma tarefa tão complexa ver um homem dentro de sala de aula com crianças pequenas? Na maioria dos casos, esses professores lecionam algum conteúdo específico, como música, educação física ou artes. Ou seja, eles não são professores regentes, muitas das vezes em que se relacionam com os alunos, são tutelados pela professora responsável pela turma, que cuida e zela por suas crianças, criando situações similares a uma fiscalização do comportamento do professor.

Outro ponto a ser abordado nesta relação de ensino de conteúdo especializado, é a ideia que os homens detêm o conhecimento específico de determinadas áreas e as mulheres são responsáveis pelo não-específico. Esse fenômeno pode ser observado através das estratificações das redes de ensino e a ocupação de gênero em cada fase da educação, onde na educação infantil e fundamental temos uma feminilização do magistério, e a partir do momento em que o conhecimento passa a se tornar mais aprofundado, há uma inversão dessa situação, como observado no ensino superior, onde a predominância do sexo masculino é evidenciada. Seria então a pouca presença dos homens na educação infantil uma desvalorização do meio? Ou há algum limitante para a ingressão e permanência do masculino nesta fase da educação?

1.4 Escolha do sujeito da pesquisa

Para entender melhor o lugar do professor dentro da Escola Infantil utilizarei de entrevista com um indivíduo que lecionou neste ambiente, atuando como regente de turma e professor formador na educação infantil, e que atualmente trabalha no ensino superior como professor no curso de pedagogia da UFMG. Como tratado a priori, nunca tive contato com um professor que atua ou já tivesse atuado em uma Escola Infantil, devido esse motivo, quando o Professor José Alfredo me propôs a ideia de realizar uma entrevista com um professor que atuou na rede municipal, prontamente aceitei. A utilização do

ponto de vista deste indivíduo irá nortear este trabalho de conclusão de curso, a fim de obter uma perspectiva qualitativa a respeito do tema.

1.5 Objetivos Específicos

O masculino dentro do Ensino Infantil é um assunto carregado de preconceitos, por esse motivo, irei conter as diretrizes deste trabalho à narrativa do professor entrevistado, utilizando de questões norteadoras pertinentes para o melhor entendimento do assunto, buscando observar a relação entre professor homem e ambiente de educação infantil. De toda forma, as questões principais a serem trabalhadas serão baseadas no relacionamento entre professores e alunos; professores e pais de alunos; professores e coordenadores e por fim professores e professoras. Através da ótica pessoal do sujeito, buscarei entender também se há alguma barreira que impede o contato de homens adultos com crianças pequenas e se os valores socioculturais direcionam o comportamento de cada um deles.

2. METODOLOGIA

A princípio será realizada uma entrevista, onde através da narrativa pessoal, busco trazer a perspectiva qualitativa e individual deste sujeito entrevistado, a respeito, não apenas do contato do professor homens e crianças, mas também do professor homem e suas relações com seus pares, direção escolar, pais de alunos, e sociedade como um todo, a fim de entender o local em que estes professores se encontram.

Será realizado um levantamento bibliográfico a respeito dos estudos de gênero, estudos de gênero na educação e estudos de gênero na educação física, dando centralidade ao papel do homem na escola e sua experiência social em particular no âmbito da educação infantil.

3. FEMINILIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO

Para entendermos a relação entre o professor homem e a educação infantil, primeiramente é necessário analisarmos o processo de feminilização do magistério. Para Waldinei Ferreira (2017), a educação infantil é concebida historicamente como espaço de trabalho do gênero feminino, sendo assim o homem não teria lugar nesse campo de atuação.

Para Luciano Teodoro (2016), o surgimento da instituição de educação infantil vem para suprir um espaço de guarda e tutela para as crianças enquanto os responsáveis vão para o trabalho, sendo assim, historicamente o ambiente da educação infantil na verdade vem com o propósito do cuidado e não com intuito de trabalhar o ensino e aprendizagem.

Mesmo com os valores e a importância da educação durante a infância tomando maiores proporções, com o passar do tempo a atuação dos profissionais permanece extremamente ligada com os cuidados corporais das crianças. "Fica clara a subalternização sofrida por profissionais que trabalham com o cuidado de outras pessoas e que, na Educação Infantil, o binômio educar-cuidar deve ser trabalhado de forma indissociável" (FERREIRA, 2017).

Por esses motivos a mulher seria a mais indicada para atuar no papel de educadora na instituição infantil, pois, "centrado na biologia e na cultura, historicamente quem desempenhou o papel profissional de educar a criança foi a mulher, já que por gerar um filho ela é considerada uma educadora nata." (TEODORO, 2016). Sendo assim, o cargo de educador infantil torna-se ainda mais desvalorizado, pois através deste conceito, não seria necessário nenhum tipo de formação ou profissionalização, apenas o instinto materno bastaria para ser professor neste ambiente escolar.

4. O SUJEITO DA PESQUISA

4.1 Currículo Docente

A proposta principal deste trabalho de conclusão de curso é a realização de uma entrevista com um professor que atuou na escola infantil e nos anos iniciais no ensino fundamental, através do movimento de investigação bibliográfica a respeito das relações de gênero entre o professor homem e docência no âmbito infantil, realizar uma análise entre a empiria e a teoria acerca do assunto, para tanto é necessário primeiro conhecer o sujeito da pesquisa.

A entrevista foi realizado com o professor Antônio Souza, professor do ensino superior no curso de pedagogia na universidade federal de Minas gerais. O professor atuou na rede municipal de Belo Horizonte durante quatorze anos, teve momentos como professor na educação infantil, mas passou a maior parte do tempo atuando nas séries iniciais do ensino fundamental.

Trabalhou como professor na educação infantil por três anos trabalhou primeiramente na pré-escola logo que formou no curso superior, depois no final dos anos 90 voltou para a educação infantil, e sua última atuação foi logo quando entrou na prefeitura entre os anos de 2004 e 2005.

No ensino fundamental assumiu regência e trabalhou com turmas de alfabetização. Relatou ter muita dificuldade em assumir regência de turma devido sua necessidade de realizar viagens frequentes para a participação de um projeto junto à comunidade indígena.

Esta última atuação foi realizada na escola Monteiro Lobato, uma escola da infância e a primeira neste modelo, a qual atendia a educação infantil e as séries iniciais do ensino fundamental na mesma instituição. Trabalhou como professor da disciplina de corpo e movimento por causa de suas especificidades de formação, portanto não assumiu a regência nessa escola.

A turma de alunos mais novos a qual teve regência foi de cinco anos, mas também trabalhou com crianças de dois a três anos, onde dava aulas duas a três vezes por semana.

Considerou que na maior parte do tempo, trabalhava no campo das artes, principalmente com conteúdos de jogos e brincadeiras, literatura, teatro, artes plásticas e artes visuais.

4.2 Metodologia e práticas na educação infantil

Durante nossa conversa, Antônio Souza (2019), afirma ter trabalhado como metalúrgico, mecânica de elevador, firma de usinagem e eletricista predial, e que tinha necessidade de realizar alguma forma de trabalho artesanal, portanto fazer brinquedos era extremamente interessante, quase uma extensão daquilo que fazia anterior à docência. Através dessa fala, é possível alegar que as práticas e experiências que temos em vida nos moldam e influenciam durante o ato de ensinar.

Para Souza (2019), havia uma grande diferença na ideia de propor as brincadeiras, acredita que quebrava algumas regras sociais do ambiente infantil, não sabia se era um fator de demarcação de gênero, mas as brincadeiras e o uso dos espaços eram poucas vezes vistos na atuação da pedagoga, exemplo disso é achar normal e comum brincar na rua e acreditava que isso era um diferencial em seu trabalho. Uma das causas a qual podemos atribuir esse comportamento é o fator histórico onde os homens são estimulados a praticar diversas atividades físicas, se movimentar e ocupar os espaços de forma ativa, e em contrapartida as mulheres ocupam as margens dos mesmos espaços, onde socialmente são induzidas a práticas relacionadas ao lar e cuidado.

O entrevistado afirma que tinha dificuldade com o manejo de classe, que conduzir a turma de uma maneira interessante era um desafio, não sabe se esse custo era por uma questão pessoal, mas com o passar do tempo sua

relação com a docência foi ficando mais fluida. Tinha muitos conflitos com as crianças, mas eram conflitos salutares em sua opinião. Como tinha um diálogo aberto com os alunos havia abertura para negociação e discussão, uma das causas disso era o fato de não possuir regras muito firmes, o que é uma contradição a prática educacional tradicional da figura masculina, que implicitamente é ligada ao fator disciplinador e rígido. "Eu gostava de fazer algumas coisas fora da ordem tipo contravenção, por exemplo, a gente pulava janela com os meninos e brincava com fogo também, as crianças pegavam umas varetas do bambuzal e ficavam cutucando o fogo." (SOUZA, 2019).

Novamente partindo de um preconceito social, onde a mulher é responsável pelo cuidado e a educação infantil ser um ambiente relacionado à maternagem, acredita que atividades semelhantes às do entrevistado serem difíceis de ser observadas por uma professora, pois o gênero em si possui significado, sendo assim tal prática poderia ser entendida como uma brincadeira de homem ou descuido de uma mulher.

Outra diferença relatada por Souza (2019) era a interação que tinha com as crianças, acredita que por ser professor homem e elas saberem que ele gostava de alguns tipos de brincadeiras, elas aproveitavam para "aprontar muito", já que sabiam que ele daria respaldo para muitas práticas tidas como "fora do padrão", e os alunos aceitavam as regras estabelecidas entre as partes para que esse tipo de dinâmica pudesse acontecer. Este tipo de relacionamento surge a partir de uma demanda, onde as crianças, após observarem que o professor "fora do padrão" do ambiente escolar em que se encontram e por exercer práticas diferentes das quais já estão habituadas, uma nova forma de vínculo deve ser construída, dessa maneira, é necessário a criação e adequação de combinados, não apenas das práticas docentes, mas também para uma nova forma de convivência.

5. O HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A cultura escolar não é neutra, ela reflete as relações sociais às quais está inserida, entre elas, as relações de gênero, onde seus costumes são produzidos e reproduzidos a partir dos significados socialmente induzidos ao comportamento previamente definidos como adequados a aos padrões ideais de indivíduos. Para Lucélia Araújo e Renata Cunha (2013), devemos abandonar a visão bipolar entre os gêneros, onde masculino e feminino são opostos, levando em consideração os perfis próprios e autonomia de personalidade, e que não há profissões específicas para cada gênero.

Na educação infantil, como já foi abordado anteriormente, a ótica da maternagem e do cuidado está historicamente ligada a sua própria lógica de existência, entretanto, à medida que apenas o âmbito do cuidado e da tutela passam a não serem o suficiente para a sociedade, o ensino e aprendizagem ganham força neste etapa da educação. Contudo, outro aspecto da educação infantil e da infância propriamente dita é negligenciado, o brincar. "Na consecução do direito da criança pequena a ter acesso a educação infantil, uma exigência é prioritária: um profissional bem formado, e que tenha o domínio da tríade cuidar-educar-brincar que fundamenta o trabalho pedagógico." (TEODORO, 2016). Sendo assim, a justificativa biopsicossocial da mulher como educadora autodidata torna-se falaciosa, aumentando o distanciamento entre o ato de educar uma criança como sua prole e o status de educador (a).

Retomando a concepção da profissão subalterna e naturalizadamente feminina, o homem como docente não seria apenas contraindicado para a função, seria também uma maneira de recuo em sua posição perante a sociedade. Como afirma Joaquim Ramos (2011), para alguns, seria aceitar o "lugar de mulher", inferior ao "lugar de homem", apenas o fato de trabalhar no magistério já seria caracterizado como um rebaixamento social, atuar como docente na infância, relacionado com o cuidado dos corpos das crianças, dando banho e limpando cocô, significa "descer mais ainda" na docência. Por consequência, é possível inferir, que em alguns níveis da sociedade, os

homens que trabalham como professor na educação infantil estariam em posição de constrangimento, e para Josiane Gonçalves *et al.* (2015), as próprias diretoras de escolas infantis acreditam que estes homens causariam sentimentos de estranheza na comunidade escolar, ao qual as gestoras da instituição teriam que intervir e mediar a aceitação do profissional.

Em outra perspectiva, os homens que ingressam na educação infantil, podem passar por outras formas de preconceitos, partindo da lógica social parva de que um homem que se coloca em um "lugar de mulher", por livre escolha, acaba tendo sua masculinidade colocada em xeque, e sua opção sexual posta em debate. "Professores do sexo masculino, ao ingressarem na educação infantil, têm sua sexualidade colocada em suspeição: de um lado, apresenta-se a dúvida, se escolheram uma profissão feminina é porque não são homens de verdade." (DEBORAH SAYÃO, 2005).

Segundo Souza (2019), embora soubesse que a presença do homem dentro da escola infantil tinha vários efeitos diferentes, buscava não dar importância para o discurso e o debate a respeito do tema. Afirma não ter tido nenhuma situação de constrangimento causado por conflitos de gênero, não fazia nenhum enfrentamento e que era de certa forma era "bem ajustado". Na fala do professor, foi possível identificar uma postura na tentativa de se isentar das discussões de gênero dentro da escola infantil, tentando se manter neutro no embate relacionado à sua permanência em um lugar onde socialmente não lhe pertence.

Apesar de tudo, Souza (2019) afirma que, sua relação com os pais de alunos e com a direção das escolas era boa, porém nunca foi uma coisa naturalmente aceita mesmo depois de um tempo na escola, ainda assim havia estranhamento no lugar em que o professor ocupava. Todavia, outro ponto importante a ser destacado, era que, sua presença em determinados momentos não era apenas aceita, mas também desejada, "um momento importante do professor homem na escola era quando era necessário carregar peso." (SOUZA 2019), surgindo assim outro tipo de relação de preconceito, imaginando que o homem na educação infantil serviria apenas para realizar tarefas que caracterizariam como desvio de função.

6. PRECONCEITOS

6.1 Vigilância no ambiente escolar

O ambiente escolar infantil, por ser local onde o professor homem seria considerado um estranho, seguindo a ótica cautelosa das mulheres que ali frequentam, acredita-se que seria necessário uma observação próxima de sua atuação como docente, que poderia ser caracterizado como uma vigilância de seus atos. Souza (2019) afirma que, havia sim uma vigilância referente a sua presença, mais do que às mulheres, principalmente por causa da necessidade de um contato próximo com as crianças, muitas vezes necessário devido ao tamanho e a dependência das mesmas e que em muitos casos, tinha a sensação de que se fosse uma mulher não seria vigiado dessa forma.

Esta vigília acerca do comportamento do professor na escola acaba sendo uma forma de avaliar a atuação, o caráter, a ideologia e a intenção do professor dentro da escola infantil. A esse respeito Ramos (2011) declara:

Além do período probatório exigido legalmente, todos os professores homens abordados na pesquisa necessitaram de um tempo para demonstrarem as competências e as habilidades com a educação e o cuidado das crianças pequenas matriculadas nas instituições públicas de educação infantil do município – categorizado, aqui, como período comprobatório. (RAMOS, 2011).

Nesse cenário onde a atuação do professor do sexo masculino passa por um olhar criterioso, o docente é submetido ao dito "período comprobatório", entretanto, não há nenhum texto regulamentado ou documento que verifica esse tipo de prática referente ao cargo de ocupação. O professor não tem o poder de escolha se deseja passar por esse período comprobatório ou não, é simplesmente realizado de forma velada, de certa forma, insinuando que o professor não apenas não é bem-vindo naquele ambiente como também representa uma ameaça para os indivíduos que ali se encontram. Segundo Ramos (2011), o professor homem que deseja atuar como docente na escola

infantil, enquanto ainda são desconhecidos, precisa da "aprovação" da comunidade e até que isso ocorra ele, fica em período de quarentena, sujeito aos olhares "enviesados", de vigilância e do estranhamento por parte dos adultos que participam do cotidiano escolar.

6.2 Limitações impostas aos professores do sexo masculino

Em diversas situações no cotidiano da Educação infantil foi relatado limitações na atuação pelo professor homem, o que acaba afetando o seu modo de atuar. Segundo Thiago Araujo (2017), essas limitações refletem na falta de autonomia do professor, o que causa impactos, muitas vezes negativo, na qualidade do trabalho e influenciam as concepções e entendimentos do que é educação infantil. Em outras palavras, a falta de confiança da comunidade escolar pode acabar prejudicando o trabalho do professor.

Essas barreiras podem ser apresentadas de diferentes formas. Para Ramos (2011), podendo ser de maneira mais clara ou mais sutilmente. Josiane Gonçalves et al. (2015) afirma que, as gestoras das escolas infantis entendem que os homens podem contribuir para o desenvolvimento das crianças, mas que, de toda forma, haveria restrições principalmente ao toque físico entre professor e aluno. Escancarando assim o preconceito contra o professor homem na educação infantil, pois se as próprias gestoras da escola não estão dispostas a interpelar a sociedade a respeito do imaginário do professor homem como um possível algoz, o professor se sente sem suporte dentro de seu próprio ambiente de trabalho.

Em relação aos obstáculos impostos ao professor na educação infantil, Souza (2019) afirma:

Não entrava muito nos embates que pudessem gerar conflito ou constrangimento, do tipo de discussão relacionada a gênero como por exemplo, "você é homem, você não pode fazer isso", se eu sou homem e não posso fazer alguma coisa, então tá tudo bem, então não vou

fazer, se vai causar conflito eu tenho outros espaços para circular. (SOUZA, 2019)

Novamente tentando manter uma postura imparcial a respeito do tema de gênero dentro da escola infantil, uma crítica a ser feita perante a posição deste professor é que, em situações de desigualdade e opressão, nas quais o professor homem se encontra na educação infantil, seu posicionamento isento não contribui para resolução do problema.

6.3 Receios do masculino em contato com crianças pequenas

O real motivo da vigilância sofrida pelos professores do sexo masculino na escola infantil, não é referente a possível falta de competência do profissional docente, mas sim o receio e medo de seu contato físico com as crianças pequenas, já que esses indivíduos possuem alto nível de dependência.

Entre todos os medos, o maior deles está o possível abuso sexual, o que numa perspectiva da sociedade essas crianças estão mais suscetíveis a sofrerem nas mãos de professores homens do que de professores mulheres. A esse respeito é preciso considerar que:

Ao declararem, por várias vezes, que não seria apropriado que um homem executasse tarefas como dar banho e trocar fraldas, as gestoras evidenciam um receio da pedofilia, tratando de forma separada o princípio indissociável da educação infantil de educar e cuidar. Esta representação tem sua ancoragem no "poder masculino" que muitas vezes tem crianças como vítimas, a generalização gera preconceito, colocando todos os homens como possíveis opressores, esquecendo que para atuar na educação infantil é necessária preparação acadêmica. (GONÇALVES *et al.*, 2015, p.16)

O homem que previamente tinha sua masculinidade em dúvida, passa agora por um olhar de quem tenta se mascarar como docente para ter acesso às crianças, usando uma analogia bem simples, tentando se passar o "lobo em pele de cordeiro", pois naquele ambiente em específico, são eles quem

deveriam ser responsáveis pelo cuidado, educação e bem-estar daquelas crianças. Neste segundo momento seriam os responsáveis por causar a dor, sofrimento e angústia nas crianças, utilizando a "crença disseminada de um homem sexuado, ativo, perverso e que deve ficar distante do corpo das crianças" (SAYÃO, 2005).

Quando eu trabalhava em escola integral com crianças de dois, três até nove anos, em momentos em que era para dar banho eu dava banho nos meninos maiores, não acompanhava as meninas e não fazia questão nenhuma, eu não achava que precisava comprar essa briga, eu era um profissional competente, talvez eu é quem ficaria constrangido em dar banho em meninas de quatro e cinco anos, embora se fosse necessário não teria problema, porém não tinha muita negociação, na hora da divisão do banho eu sempre ficava com os meninos. (SOUZA, 2019)

É possível identificar através da fala do professor entrevistado um possível desconforto na necessidade do contato físico com crianças pequenas, principalmente crianças do sexo feminino. Este tipo de sentimento pode ser entendido como um reflexo de seu subconsciente de receio de ser mal interpretado por seus pares. Isso é possível devido o fato de o próprio professor possuir um ponto de vista também enraizado nos conceitos sociais que colocam possíveis segundas intenções no toque, mesmo que não exista malícia seu olhar está contaminado pelos significados sociais referentes ao contato físico.

7. O OUTRO LADO DA MOEDA

O professor homem possui diversas dificuldades de atuação no ambiente escolar infantil, entretanto, partindo de uma perspectiva de sociedade machista em que vivemos, existe a possibilidade do homem tirar vantagem pelo simples fato de ser do sexo masculino. Amanda Rabelo (2013) afirma que, mesmo sofrendo preconceitos, os homens tiram vantagens na masculinidade da sociedade.

Essas vantagens poderiam ser apresentadas de inúmeras formas e podem ser cedidas através de diferentes fontes, levando em consideração que havia um privilégio indiscutível dos primeiros, podendo pensar que isso ocorreria tanto por influência das autoridades escolares dentro do próprio sistema educacional, como era reforçada pelos vínculos estabelecidos com as forças políticas atuantes do Estado. (DEMARTINI Zeila; ANTUNES Fátima, 1993). Sendo assim, mesmo em situações de desigualdade, o homem ainda consegue gerar novas situações de desigualdade em sua relação com o sexo feminino.

Após o período comprobatório ao qual foi abordado anteriormente, depois que o professor homem passa a ser aceito pela comunidade escolar, Souza (2019) afirma que, as coisas melhoram muito, o trabalho ganha visibilidade e o professor homem se torna algo diferenciado dentro da escola, e que dependendo do profissional, se ele tiver a capacidade e a vontade de chamar a atenção para seu trabalho, conseguiria capitalizar recursos dessa maneira desenvolvendo na carreira mais rapidamente. Algo também observado por Rabelo (2013), que declara, os homens são alvo de discriminação positiva após confirmarem sua competência profissional, o que é visível devido sua rápida progressão de carreira. Essa perspectiva é interessante pois, em situações em que o homem e a mulher exercem a mesma função e as vezes com a mesma qualidade, o homem teria maior facilidade de subir de cargo do que a mulher.

A possibilidade de subir de cargo sendo homem na educação infantil após passar pela aprovação da comunidade escolar é grande, como Souza (2019) afirma, como foi professor formador já se deparou com vários professores na escola infantil, e acreditava que muitos chamavam atenção apenas pelo fato de ser homem, sua atuação era idêntica a atuação das mulheres, porém ganhava visibilidade por serem estranhos no ambiente de trabalho. Em muitos casos alguns professores aproveitavam desse fato para tentar impulsionar suas carreiras. Também existem aqueles professores que trabalham de maneira diferenciada, dessa forma acabam por chamar ainda mais atenção, ganhando grande destaque na escola. Esses professores em pouco tempo passavam para cargos de direção de outros ambientes, todavia existem aqueles professores que não gostam da visibilidade, preferem ficar em seu lugar trabalhando sem o intuito de crescer na carreira.

Homens que assumiram o magistério como profissão e ao tentar direcionar suas carreiras para outros postos e abandonar o espaço "feminino" das salas de aula, deixando de ser professores para se tornarem diretores, supervisores, formadores de professores, delegados de ensino, chefe de instituição pública, etc., dessa maneira, continuar controlando a profissão já então maciçamente feminina. (DEMARTINI Zeila; ANTUNES Fátima, 1993, p. 12).

Essas medidas proporcionam manutenção no processo de feminilização do magistério, estimulando cada vez mais a mulher a permanecer como docente, dificultando sua progressão de carreira, e facilitando a ascensão do homem como gestor. Apesar de em situação de preconceito, o machismo surge e ganha força nas relações de gênero dando vantagem para o sexo masculino.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação passa por um processo de feminilização do magistério, onde a mulher é colocada em primeiro lugar, como uma figura de cuidado e maternagem socialmente subalterna. Já o homem, passa a ser atribuído como detentor dos saberes específicos, especializados e da disciplina dentro do campo da docência, sendo assim na educação infantil não há espaço para o sexo masculino, em que, muitas vezes é mal visto e interpretado, como um estorvo para a atuação das pedagogas.

Existe uma diferença de atuação entre homens e mulheres na educação, isso se deve aos processos historicamente construídos, onde os homens possuem maior liberdade de movimento e são incentivados a ocupar os espaços de maneira mais vigorosa, enquanto as mulheres permanecem em seu entorno.

O simples fato do histórico de experiências e dos significados de gênero serem diferentes para homens e mulheres reflete em suas práticas docentes, onde o homem irá incentivar e ensinar seus alunos práticas às quais lhes são comuns e teve formação para, as mulheres irão fazer o mesmo, entretanto o campo da educação infantil é saturado de pedagogas, o que torna interessante e inovadora a atuação dos homens nesse campo de trabalho.

O homem na educação infantil passa por diversos preconceitos e enfrentamentos, tendo casos em que é necessário impor sua presença. Esse preconceito passa por diversos âmbitos, seja ele na dúvida de sua masculinidade, seu caráter, sua idoneidade e sua competência profissional.

Através da análise realizada, utilizando os dados levantados pela investigação bibliográfica e a entrevista realizada com o professor Antônio Souza, foi possível observar vários pontos em comum entre eles, seja no aspecto de preconceitos, nas relações de gênero estabelecidos entre professor homem e pedagogas, famílias, direção e alunos.

Relacionando os dados produzidos, outras questões surgem respaldadas pela fala dos professores e pesquisadores da área. Será que o fato do número de professores homens na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental ser tão baixa, são apenas pelo fato dos preconceitos existentes, do baixo salário e dos enfrentamentos e conflitos no campo? Será também que esses professores utilizam a educação infantil como um trampolim em suas carreiras? Ou será que uma forma de remover os professores do sexo masculino da educação infantil, com o intuito de proteger as crianças seria promovendo-os?

Outra questão que surgiu na fala do entrevistado, porém não foi abordada como assunto de pesquisa neste trabalho de conclusão de curso, foi a transferência da figura masculina familiar para a figura do professor homem na escola. Este tema em específico será deixado para uma possível investigação futura.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Lucélia Costa; CUNHA, Renata Cristina da. **Os homens na docência e a feminização do magistério**. Educere 2013, set. 2013.

ARAUJO, Thiago Santos de. **Vai ter professor-homem na educação infantil, sim!:** Rompendo paradigmas. 2017. Monografia (Pós- Graduação em Educação) - PUC/RIO, Rio de Janeiro, 2017.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; ANTUNES, Fátima Ferreira. Magistério primário: Profissão feminina, carreira masculina. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, p. 5-14, ago. 1993.

FERREIRA, Waldinei do Nascimento. **As relações de cuidado e de gênero presentes nos relatos de homens professores nas Unidades Municipais de Educação Infantil de Belo Horizonte**. 2017. Dissertação (Mestre em Educação, Educação e Docência) - UFMG, 2017.

GONÇALVES, Josiane Peres; FARIA, Adriana Horta de; BEZERRA, Fernanda Correia; OLIVEIRA, Leonardo Alves; REIS, Maria das Graças Fernandes de Amorin dos. **O trabalho de homens professores com crianças de educação infantil:** as representações sociais dos gestores escolares. Itinerarius Reflectionis, 30 jun. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ir.v11i1.35108>. Acesso em: 11 nov. 2019.

RABELO, Amanda Oliveira. Professores discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental. **Educ. Pesquisa**, São Paulo, abr. 2013.

RAMOS, Joaquim. **Um estudo sobre os professores homens da educação infantil e as relações de gênero na rede municipal de Belo Horizonte - M.G.** Dissertação (Pós-Graduação em Educação) - PUC/MG, Belo Horizonte, 2011.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de Gênero e Trabalho Docente na Educação Infantil:** Um Estudo de Professores em Creche. Florianópolis: Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

SOUZA A. ² **Antônio Souza:** inédito. Belo Horizonte, 2019. Entrevista concedida a Renato Rezende Fonseca.

TEODORO, Luciano Gonçalves. **O gênero masculino na docência da educação infantil:** convivência com professoras e diretoras face ao trabalho pedagógico. SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE LA RED ESTRADO, 11 nov. 2016.

² Nome entrevistado substituído por nome fictício.